

A CRENÇA

SCIENCIAS, LETTRAS E ARTES

*Sumite materiam vestris, qui scribitis, equam
Viribus.*

Horacio, Art. Poet.

REDACTORES

Thomaz da Porciuncula, Alberto de Menezes, e R. Teixeira Mendes



Anno I

Rio de Janeiro, 10 de Maio de 1875

Num. 10

SUMMARIO

A «Crença».—Gritos da Carne, por R. T. Mendes.

Secção científica.—Refutação do estado espheroidal como quarto estado physico da materia, pelo Dr. E. Pitanga.

Aos redactores da «Crença», por Ezequiel Santos Junior.—Calabar perante a historia, por Alberto de Menezes.

Secção médica.—Gazeta da clinica cirúrgica da Faculdade de Medicina do Rio de Janeiro, por T. Porciuncula.

A CRENÇA

Gritos da Carne.

Reparaes no mal que resulta da litteratura corrompida que se espalha pelo povo.

(*Harriet Beecher Stowe.*)

Em artigo editorial e na secção conveniente já a *Crença* expendeu o que pensava da collecção de poesias com que nos mimoseára o Sr. José Leão; o livro do distinto academico merece no entanto mais detida analyse, que venha justificar aquella opinião e precisal-a, si alguma cousa houve de vago no juizo publicado.

Tal é o fim do presente artigo.

Folgamos de reconhecer no poeta talento e inspiração, e julgamos que não se poderão negar taes attributos a quem escreve estrophes como estas :

Sahimos do jardim; o sino echoava
Bradando—Ave-Maria....
Ninguem o seu chapéu ali tirava,
E nem se interrompia
A musica a tocar; só eu scismava
E o pensamento meu além pairando
Contemplava a visão do meu passado
Na tela do sertão, onde, risonho,
Via um povo contricto ajoelhado!

O anjo do Senhor seja contigo,
O' patria do meu ser!
« Porque choras assim, meu doce amigo ? »
Inquire-me a mulher....
Ah ! tu não sabes, no meu peito existe
Uma saudade eterna, indefinida,
De quanto alegre fui, hoje sou triste,
Não sei como olvidar possa esta vida!

E como estas muitas ha no livro do Sr. José Leão : a naturalidade, o lyrismo e a côr local

que o autor soube imprimir aos versos que deixámos transcriptos, justificam de sobra o que dissemos de seu talento poeticó. Oxalá fossem todas as paginas do livro como estas duas estrophes !

Infelizmente, porém, o distinto academico cedeu as mais das vezes ás fascinações dessa *eschola européa, esplendida na forma e traíçoeira e assassina no fundo.* (1)

« Nas suas mãos a musa do romantismo tornou-se o retrato escarnado da messalina das ruas », como disse o auctor referindo-se a Alvarés de Azevedo, ao mesmo tempo que pronunciava o imparcial juizo de seus proprios versos.

Escutem-o :

Eu adoro o prazer, a carne nua,
A pelle assetinada,
Uns olhos onde amor vaga, fluctua,
A palpebra roxeada.

.....
Eu adoro a mulher como a gozára
O Deus mais sensual, etc.

Em outro logar :

.....
E viver encanchedo a um refeitorio
Entre gregas, francesas e romanas ;
Percorrer o Oriente, e ser o guia
Do moço D. Juan n'alguma orgia.

Na poesia intitulada —*Eu amo*—, começa :

Eu amo essas cabeças dissolutas
Que vendem no balcão seu corpo immundo...

E adiante :

Qual dellas é melhor ? uma perdida
Que se apoia ao luar no peitoril
E trata de ganhar licita a vida
C'um sorriso de amor quasi infantil

Ou aquella que volve delirante
De um baile onde gozou horas inteiras
E, em vez de adormecer, sonha um amante
E timbra em se mostrar no lar de olheiras?

E como estas muitas outras estrophes.

Não será assumpto contrario aos principios da sã moral tudo quanto ahi fica citado ? não será

(1) Prologo dos *Gritos da Carne.*

sancionar a prostituição chamal-a de *ganho lícito*?

Respondendo ao auctor, diremos que ambos são igualmente detestaveis, os entes que figuram nas estrophes acima, e que longe de estabelecer tão nojento paralelo deveria o poeta estigmatisal-as ambas como estigmatisou o segundo na poesia « Prostituta d'alma ».

Prosigamos.

Em outra occasião escreveu o poeta :

Eu não quero intervir em tal respeito,
Mas duvido de mais do teu bom senso!
Mocidade venal, só tens no peito
O vicio corruptor! o pôdre insenso.

Quem disse ao auctor que a mocidade brasileira era venal? Que provas, que factos poderá citar por abonar seu dicto? Accusações gratuitas dessa ordem não podem ficar sem um protesto, e se o distinto academico, representa, como diz, em parte as crenças da mocidade :

Mão grado ao teu querer, ó mocidade,
Eu represento em parte as crenças tuas.
Si fujo do prazer, amo em verdade
Ver em sonhos de amor mulheres nuas!

nós nos orgulhamos de poder declarar-lhe que não partilhamos de taes opiniões, nem o « grupo da mocidade cujas idéas representamos » tambem.

Não lisongeamos uma unica vez aos moços brasileiros; havemos sempre dito a verdade com affouteza e exhortado-os ao cumprimento de seus deveres de cidadãos de um paiz que deve ser livre; mas por isso que somos severos e justos, temos o direito de protestar contra as accusações terríveis que á mocidade dirigio o Sr. José Leão.

Tudo isso estará de acordo com a moral? Pensamos que não, e o proprio poeta pensa connosco, sendo por isso tanto mais censuravel; ouçamol-o :

« Aquelle desespero de Manfredo, aquella loucura de Fausto, aquelle sombrio delirio, aquella embriaguez de Rola, degeneram n'uma febre de crapula, n'um desfaçamento inaudito que sem repugnar ao bom gosto, offende toda-via á moral e ao pudor! »

Si o autor tinha taes opiniões, porque abraçou tão perniciosa eschola? Ignoraria porventura que o vicio pôde crear attractivos para os espíritos fracos quando tão preconisados nessa linguagem brillante e perigosa? Não o cremos.

Como um dos jornaes desta cidade esperamos que em breve nos dará o auctor provas mais cabaes de seus talentos em genero de poesia mais em harmonia com a moral.

Quanto á dicção, que accusamos de ceder uma ou outra vez ás exigencias da rima, podemos citar, entre outras, a seguinte quadra :

Eu adoro a mulher conforme a viram
Os nossos mareantes
Quando á margem dos rios distinguiram
A passos não distantes.

O verbo distinguir, segundo Moraes, só é intransitivo com a significação de fazer distincção; diz elle : « Distinguir », intransit., « Distinguir entre as suas virtudes », *Arraes*, 3, 21, fazer distincção. » No caso acima o verbo é, portanto transitivo e a elipse *lo* complemento objectivo não nos parece de acordo com a indole da lingua nem favoravel á harmonia da phrase: talvez estejamos em erro.

Desejavamos citar mais algumas passagens que provassem nossas palavras : e a dicção em uma vez ou outra cedeu ás exigencias da rima ; este artigo já está, porém, um pouco longo o que nos força a fazer ponto aqui.

Ao poeta, comprimentamos pelo seu talento, pedindo-lhe encarecidamente abandone de vez tão pernicioso genero de poesia : a moral—eis o mais sólido alicerce de um povo, e o Sr. José Leão deve ter sempre na mente as palavras da illustre americana que tomámos para epigraphe.

R. T. MENDES.

SEÇÃO SCIENTIFICA

Refutação do estado espheroidal como quarto estado physico da materia.

As leis naturaes dos phenomenos da Physica são muitas vezes estabelecidas, quando as experiencias não são nem muito numerosas, nem muito precisas; d'ahi claros ou lacunas que tiram a generalidade as ditas leis, e muito limitam a sua importancia.

De taes lacunas surgem notaveis anomalias e contradições singulares; mas, que sempre acabam por desapparecer, tornando definitivo e geral o estabelecimento das leis, desde que, por novas experiencias, effeitos e circumstancias que tinham passado desapercebidos são levados em conta, ou quando se attende a certas perturbações que não tinham até então sido consideradas.

Em todos os ramos da Physica conhecem-se anomalias nas leis, causas perturbadoras dos phenomenos; assim como ha phenomenos que têm uma theoria summamente incompleta.

Na theoria do calor as contradições apparecem mesmo nos casos mais vulgares; porém, uma observação attenta e circumstanciada é suficiente para descobrir de prompto, as causas da aberração.

Tomando um exemplo de ordem um tanto elevada, a physica demonstra, que a corrente de uma pilha não faz mais do que transportar o calor devido á accão chimica em todas as partes do circuito, distribuindo-o proporcionalmente ás resistencias de cada parte.

Si se applica a lei aos conductores liquidos, apresenta ella uma profunda anomalia, que en-